

Amílcar Cabral, o Homem: um testemunho de Tomás Medeiros

João-Manuel Neves⁷⁹

António Alves Tomás Medeiros nasceu em 1931 na ilha de São Tomé de pais crioulos com ligações à família Espírito Santo⁸⁰. Teve uma infância humilde, sendo em grande parte autodidata, muito devido a ter trabalhado desde cedo como ajudante na barbearia onde funcionava o único depósito de livros da ilha. Aos catorze anos, com a ajuda dos seus irmãos, instalou-se na cidade do Huambo (então Nova Lisboa), em Angola, para frequentar o ensino secundário. Um ano mais tarde, em 1946, instala-se em Lisboa onde conclui o secundário, tendo depois, em 1955, começado a estudar medicina. Na capital do império, Tomás Medeiros entrou de imediato em contacto com a comunidade de estudantes são-tomenses, sendo um dos frequentadores assíduos da casa da tia Andreza, onde se alojavam os membros da família Espírito Santo. Muito rapidamente passaria também a frequentar a Casa dos Estudantes do Império⁸¹, tendo sido um dos fundadores, em 1951, do Centro de Estudos Africanos, junto com Amílcar Cabral, Francisco José Tenreiro, Mário de Andrade, António Domingues ou Agostinho Neto, entre outros. O encontro de Tomás Medeiros com Amílcar Cabral (1924-1973) e Mário de Andrade (1928-1990), ainda em 1946 ou nos inícios de 1947, vai ter uma importância decisiva na vida do jovem estudante são-tomense. Mário de Andrade vai passar a ser, de uma certa forma, o seu mentor, orientando as suas leituras e colocando à sua disposição uma importante biblioteca, recheada de obras sobre o marxismo, sobre temas africanos e sobre a luta anti-colonial. Amílcar Cabral instalara-se entretanto em Bissau, em 1952, após a conclusão do curso de agronomia, com a sua esposa Maria Helena, uma colega da universidade originária do Porto. Em 1955, regressam a Lisboa por motivos de saúde, acompanhados da filha Iva, nascida

⁷⁹ Investigador no Centro de Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa. Investigador Associado no CREPAL, Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Doutoramento em Études du Monde Lusophone, Universidade Sorbonne Paris Cité. Tese sobre a literatura colonial dos anos 1920 relacionada com Moçambique (2016). Página academia.edu: <https://ulisboa.academia.edu/JoaoManuelNeves>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1677-3177>. Correio eletrónico: jmn7@edu.ulisboa.pt; jmneves@tutamail.com.

⁸⁰ Ao contrário do que sucede no Brasil, o termo “crioulo” na norma europeia e africana da língua portuguesa tende a ser utilizado para designar um elemento mestiço ou uma forma de mestiçagem.

⁸¹ Tomás Medeiros será o diretor da revista *Mensagem*, órgão da Casa dos Estudantes do Império, entre 1958 e 1961 (AAVV, 1996).

em 1953. Amílcar Cabral e Tomás Medeiros encontram-se entre os principais animadores do MAC, Movimento Anti-Colonial, fundado em Paris entre os finais de 1957 e os inícios de 1958. Ambos vão estar depois também ativamente empenhados na formação das organizações independentistas das colônias portuguesas (Laban, 2010).

Amílcar Cabral e Tomás Medeiros mostravam uma preocupação comum em relação à possibilidade de se conseguir libertar da opressão colonial os pequenos arquipélagos de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe de onde eram originários. As ilhas do Equador tinham sido transformadas, desde meados do século XIX, em vastos campos de concentração através da expansão de uma forma metamorfoseada do sistema da plantação escravocrata. Entre o século XIX e a independência do arquipélago, centenas de milhares de africanos seriam deportados de Angola, mas também de Moçambique e das ilhas de Cabo Verde, condenados como contratados forçados a passar o resto das suas existências no inferno das roças. Durante o período situado entre 1940 e 1973, apenas das ilhas de Cabo Verde, seriam enviados cerca de 120.000 homens e mulheres pela administração colonial para as roças de São Tomé e Príncipe e para as plantações angolanas. Tomás Medeiros nasceu e cresceu no seio dessa sociedade escravocrata, tendo vivido de perto a realidade do sistema da plantação montado sobretudo com capital português. Amílcar Cabral assistiu em Santiago às terríveis secas que assolaram o arquipélago entre 1941 e 1942, causando junto com as secas de 1947 e 1948 cerca de 45.000 mortos por fome numa população total de cerca de 180.000 habitantes (em 1940). Pode então testemunhar como a administração assassina do fascismo português impedia a entrada de alimentos enviados pelos emigrantes cabo-verdianos nos Estados Unidos ou a ajuda alimentar da Inglaterra, sob pretexto de neutralidade durante o conflito mundial. Ao mesmo tempo, a administração colonial mostrava à população caboverdiana o caminho das roças e da escravidão como única possibilidade de sobrevivência (Davidson, 1989; Duffy, 1967; Henriques, 2000; Higgs, 2012; Hodges & Newitt, 1988; Nascimento, 2003).

Criou-se uma grande afinidade entre Tomás Medeiros e Amílcar Cabral, fundada nas referências comuns a uma interpretação marxista da realidade social de profundo cariz humanista e ao ideário pan-africanista, em particular na forma como era expresso na altura sobretudo por Kwame Nkrumah. Esta perspetiva, cedo os levou a considerar a possibilidade de libertação dos arquipélagos no quadro de uma estreita associação com a luta pela independência política dos territórios do continente africano colonizados por Portugal, em particular a Guiné-Bissau e Angola. Amílcar Cabral deixou

definitivamente Lisboa nos princípios de 1960 para se dedicar em exclusivo à luta de libertação dos povos da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Um ano depois teria lugar a grande fuga dos estudantes africanos de Lisboa onde se incluía Tomás Medeiros que se refugiaria na União Soviética para prosseguir os seus estudos de medicina. Os laços estreitos estabelecidos entre ambos em Lisboa foram continuados em múltiplas ocasiões durante as guerras de independência. Em particular no Congo-Brazzaville, entre 1964 e 1965, quando Tomás Medeiros era responsável pelos serviços de saúde das bases do MPLA que atuavam em Cabinda. Até ao assassinato de Amílcar Cabral, em janeiro de 1973, passariam a encontrar-se também com frequência em Argel, onde Tomás Medeiros residia desde 1966, quase sempre na companhia de Mário de Andrade. Um momento marcante da amizade entre ambos e do seu comum envolvimento político foi a Segunda Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas que teve lugar em Dar-es-Salam, em 1965, onde Amílcar Cabral participou enquanto secretário-geral do PAIGC e Tomás Medeiros enquanto secretário-geral do Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe (AAVV, 1967; Medeiros, 2014; Sousa, 2018).

Tomás Medeiros recorda Amílcar Cabral

Numa tarde dos inícios de fevereiro de 2018, na residência de Tomás Medeiros em Alfragide (Grande Lisboa), junto com sua esposa Rose-Marie Font, tive a honra de recolher o testemunho íntimo agora reproduzido sobre o seu amigo Amílcar Cabral. Após a transcrição, o texto seria revisto por Tomás Medeiros. Foi apresentado na sua presença, a 2 de março de 2018, durante a *Conferência Internacional Amílcar Cabral: O "Combatente Anónimo" pelos Direitos Fundamentais da Humanidade*, decorrida na Universidade Nova de Lisboa. António Tomás Medeiros, combatente inabalável pela liberdade e pela igualdade, uma das referências da primeira poesia africana escrita em língua portuguesa, viria a falecer em Lisboa a 8 de setembro de 2019.

TM: Conheci Amílcar Cabral, em 1946 ou 1947, tinha eu quinze ou dezasseis anos, por intermédio de Mário Pinto de Andrade. Encontrei-os na Praça do Chile, em Lisboa, onde se reuniam habitualmente nessa altura os estudantes africanos. A primeira conversa que tive com ele foi simples. Ele fez-me algumas perguntas e o diagnóstico foi muito completo: o Tomás Medeiros está pouco evoluído politicamente. Comprometeu-se então a abrir portas para o conhecimento que eu não tinha. Amílcar Cabral e Mário de Andrade

emprestavam-me livros e depois discutiam comigo. Os nossos contactos começaram desta forma e assim se prolongaram durante vários anos.

Amílcar nasceu na Guiné-Bissau e cresceu em Cabo Verde. O facto de ser engenheiro agrónomo e ter trabalhado na Guiné-Bissau e em Angola fez com que conhecesse facilmente os problemas da Guiné, o tipo de exploração que aí existia. Em São Tomé, apesar de eu viver com a exploração colonial, não tinha consciência dessa situação. Foi no Huambo que comecei a compreender o que era o colonialismo português. Estive num colégio horrível onde tinha de rezar seis vezes por dia e me obrigaram a saber de cor o quinto canto dos Lusíadas de Camões. Amílcar, junto com Mário de Andrade, tendo compreendido a minha fraca formação política, tomaram como ponto de honra ajudar-me a compreender a realidade circundante

Amílcar tinha dois problemas: a libertação da Guiné-Bissau e Cabo-Verde. O problema da Guiné era simples, estava no continente, havia fronteiras, era fácil formar uma base e desenvolver a luta armada a partir da Guiné-Conakry. Como resolver o problema de Cabo Verde? Pela sua própria especificidade, as ilhas não ofereciam possibilidades para desencadear uma luta armada. Em São Tomé o contexto geográfico era semelhante. Daí o problema: como descobrir o meio de libertar São Tomé e como descobrir o meio de libertar Cabo-Verde? Amílcar de um lado e eu do outro pensávamos neste problema e quando nos encontrávamos trocávamos impressões. No entanto, Amílcar, apesar dos seus conhecimentos, nunca se tentou impor e eu fui sempre um indivíduo atento, estudioso e com os ouvidos bem abertos para compreender o que ele me queria dizer.

O Movimento Anti-Colonial surge quando Amílcar Cabral, vindo de Angola, compreendeu que era necessário unificar os movimentos de libertação para formar uma frente unida contra o colonialismo português. O MAC nasceu, nos finais de 1957, numa reunião em Paris, na Cité Universitaire, na residência de Marrocos, no quarto de Marcelino dos Santos. Dessa reunião decidiu-se formar o MAC com uma secção adultos e uma secção jovens. O MAC nasceu em Paris porque o Amílcar compreendeu que a PIDE começou a estranhar a presença de muitos africanos à volta da casa da tia Andreza. Eu fiz parte da secção adultos e nos reunimos regularmente, em Lisboa, em casa do são-tomense Jacob de Menezes, nas traseiras do teatro Maria Matos, e em casa de Amílcar Cabral na avenida Infante Santo. O nosso relacionamento era bom. Trocávamos impressões, trocávamos experiências e sobretudo estávamos muito atentos, nessa altura, para a experiência de Cuba.

Amílcar tinha uma coisa extraordinária: era um grande amigo. Vou contar duas histórias. Amílcar quando chegava a Argel, gostava de ver os africanos todos no aeroporto a cumprimentá-lo. Não para prestar vassalagem a um chefe, mas para dar um abraço a um amigo que chegava da Guiné. Uma vez, por uma razão especial, não pude estar no aeroporto. Às dez da noite, em minha casa, que ficava longe do hotel onde o Amílcar se alojava, aparece ele com Joseph Turpin, o representante do PAIGC em Argel. Bate à porta, eu abro e diz-me: – Porque não estiveste no aeroporto? – Eh pá, não pude. – Estás doente? Falta-te dinheiro? Andas com problemas com a polícia? – Não, não tenho. – Então dá cá um abraço. Estou contente por saber que não tens problema nenhum.

Outro caso do Amílcar. Sempre que vinha a Argel, depois das conversações políticas com as autoridades argelinas, reunia os africanos todos no restaurante do Vietname. Não era o Amílcar com os súbditos mas sim o Amílcar com os amigos. O Vietname por duas razões. Primeiro porque Amílcar gostava da comida do Vietname. Segundo, era uma forma de ajudar os vietnamitas, dado os restaurantes servirem para recuperar dinheiro destinado às despesas de representação do Vietname na Argélia.

Há muito mais histórias passadas entre mim e Amílcar em casa do Mário de Andrade. Sempre que o Amílcar chegava a Argel ia procurar o Tomás Medeiros. Íamos os três, eu, o Amílcar e o Joseph Turpin a casa do Mário de Andrade. Amílcar esquecia que vinha em representação política, esquecia que era o líder e era o amigo. Comprávamos um frango e uma garrafa de vinho e comíamos em casa do Mário de Andrade com os amigos. Ali, era ver o Amílcar, amigo, simples, descomplexado, sem a preocupação de mostrar que era superior, mas com a preocupação única de ouvir, aprender e dar a sua opinião.

Sempre que Amílcar viajava não esquecia os seus camaradas de luta. Quando regressava à Guiné, levava sempre uma recordação para os seus camaradas do comité central. Amílcar estava sempre com os seus camaradas. Brincava, jogava à bola, cantava, ensinava a ler, era o Homem, não era o líder, era um camarada aberto, preocupado com o bem-estar do seu povo.

Era muito forte o racismo português, o entendimento que o colonialismo português tinha do homem africano que era considerado uma coisa, não contava. Esta posição do colonizador em relação ao colonizado, Amílcar sentiu-a em África, sobretudo na Guiné-Bissau e em Cabo-Verde, e sentiu-a também em Portugal, no contacto com o povo português. Esta realidade fez com que ele tirasse a prova dos nove e pensasse mais no Homem. Salvar o Homem africano desta forma de opressão colonial. Lutar pela independência não era só substituir uma administração por outra. Era criar um Homem Novo. O africano era tratado

como um animal e era necessário um processo de humanização do próprio colonizado. Amílcar leu e compreendeu um livro extraordinário de Albert Memmi, *Retrato do colonizador, retrato do colonizado*. Aí se vê bem esta dualidade na forma do comportamento do homem colonizador, dito possuidor do saber e do poder, em relação ao homem colonizado, o homem coisa, um homem sem importância.

Dizia-se normalmente que Cabral era um marxista, no pior sentido, porque dizia-se que ser marxista era uma coisa horrorosa. O Amílcar tem uma evolução interessante. Ele lê Marx, compreende Marx, mas compreende também que a sociedade descrita por Marx não é a sociedade africana. É o modo de apreensão da sociedade colonial africana que é preciso transformar. Ele vai a Lenine e encontra a construção do aparelho capaz de lutar contra esta forma de colonialismo português. Mas Lenine atua também no plano de uma sociedade que é diferente da sociedade africana. Onde é que ele vai encontrar maior afinidade? Em Mao Tsé-Tung, na leitura dos Estudos filosóficos e nos escritos militares. O caso de Cuba é ainda diferente. A sociedade cubana é distinta da sociedade africana. O modo de luta de Fidel contra Batista e o imperialismo americano era diferente. Amílcar faz a síntese de todas essas experiências e cria, ou tenta criar, uma forma nova de lutar contra o explorador, dando uma dignidade ao homem africano que não existia durante o tempo colonial. Para criar essa sociedade era preciso mobilizar. Amílcar entra em conflito com a teoria do foco de Che Guevara e de Régis Debray. Amílcar era capaz de assimilar todas as tendências revolucionárias para as adaptar à situação de África. Sehghor não conseguiu. Nkrumah também tinha uma visão diferente. Amílcar era um inovador.

Amílcar conheceu Frantz Fanon. Leu os seus escritos. Fanon aparece como o teórico do Terceiro Mundo. Amílcar estava mais próximo de Fanon que do marxismo. A realidade descrita por Marx e Lenine eram diferentes da realidade africana. Havia um método, um aparelho partidário que Lenine conseguiu formar. Mas a compreensão de quem seria o motor da revolução era diferente da sociedade europeia de Lenine e Marx. Encontra maior semelhança nos processos de mobilização de Fanon que vinham já da luta de libertação da Argélia onde esteve implicado muito tempo.

Marx escreveu um único artigo sobre o modo de produção na Argélia. Lenine não escreveu nada sobre África. Mao Tsé-Tung não escreveu nada sobre África. Nós, os africanos que tínhamos assumido a responsabilidade de lutar contra o colonialismo português e contra o colonialismo e o imperialismo em África, não conhecíamos África. Víamos África sob uma perspectiva europeísta,

da classe operária, do campesinato, etc. Ora tudo isto em África não existia. É a partir de Fanon, a partir da compreensão que Amílcar tem do contacto com os africanos na Guiné-Bissau e em Angola, que ele entende que a força de libertação é outra. Para mobilizar essa força contra o colonialismo português o modo de utilizar não era apenas o sistema marxista clássico mas a partir da cultura. A cultura era capaz de unificar os povos africanos. A Guiné-Bissau era e é um país onde existem várias etnias. Era difícil juntar um balanta com um mandinga, mas através da cultura e durante o processo de luta, tendo em vista o inimigo comum que era o colonialismo português, seria possível uni-los temporariamente. A partir da cultura seria possível, em contacto direto, no processo evolutivo da luta, abolir as contradições que existiam entre o balanta e o fula, por exemplo, formar uma unidade africana contra o colonialismo e contra o imperialismo. A cultura podia ser um elemento aglutinador.

Na luta da Guiné-Bissau existiam diferenças indiscutíveis. O cabo-verdiano durante muito tempo não se considerou africano. Só muito tarde, em 1945, com Manuel Duarte, próximo do partido comunista, é que os cabo-verdianos começaram a aceitar a africanidade de Cabo-Verde. Os guineenses tinham uma certa reserva em relação aos cabo-verdianos porque durante o período colonial eram estes que representavam o poder. Amílcar tentava, através da luta armada, fazer com que essas contradições desaparecessem. O cabo-verdiano dando os seus quadros, os guineenses dando a massa, deviam formar uma unidade de luta, uma unidade partidária contra o colonialismo. Amílcar era o elo de ligação entre essas duas forças. A cultura podia abolir essa contradição que existia entre cabo-verdianos e guineenses. Porque havendo unidade entre a Guiné e Cabo-Verde era possível lutar contra o inimigo comum que era o colonialismo português. Só que essa unidade, pensada por Cabral como possível através da cultura, pouco a pouco foi-se diluindo e desapareceu quando a vitória estava à vista e os problemas de interesses pessoais começaram a surgir.

De uma forma um pouco abusiva, eu diria que em África havia três categorias sociais. Havia os representantes do poder colonial, havia a classe média e havia o povo. Para fazer a luta armada era preciso gente que manejasse a arma, gente que conhecesse o terreno, por um lado, e era preciso gente que tivesse conhecimentos teóricos para outras tarefas, formação de quadros e atividade política no exterior, por outro lado. Essa camada que abusivamente designo de classe média africana, estava muito comprometida com o colonialismo português. Em Cabo-Verde, por exemplo, essa categoria média estava completamente absorvida pelo colonialismo, à semelhança do que se passou com as Antilhas, eram eles que representavam a força do colonialismo

no terreno, eram eles que o colonialismo utilizava para explorar os outros povos colonizados. Era necessário que essa classe média tomasse consciência da sua situação, que ela se revoltasse contra a sua condição submissa, enquanto meio utilizado pelo poder, para se tornar numa classe revolucionária. Vamos encontrar este debate em Gramsci, com o compromisso histórico, encontramos em Sartre, com o *intellectuel engagé*, e encontramos em Amílcar com o “suicídio da pequena burguesia”. Era necessário que a pequena burguesia tomasse consciência da situação ridícula a que estava relegada e tomasse o partido do povo. Era nesse sentido que Amílcar compreendia o suicídio da pequena burguesia. Esta classe média suicidou-se?

Na luta de Marx ou de Lenine, a revolução faz-se do interior do país. Lenine tinha a classe média como inimigo principal à sua frente. Na Guiné-Bissau e em Cabo-Verde isto não aconteceu. Essa classe média nunca se suicidou na Guiné, nem em Cabo-Verde. Na Guiné era uma classe quase residual. Os cabo-verdianos no interior das ilhas não se revoltaram contra o colonialismo português. Cabo-Verde era um caso administrativo. Os cabo-verdianos que aderiram à luta armada e estavam com Amílcar na Guiné-Bissau eram uma pequena minoria. Esses é que se suicidaram, esqueceram os seus preconceitos de classe e aderiram à luta armada. Não podiam utilizar a violência porque eram uma minoria, quem tinha a força militar eram os guineenses, era o povo.

A última vez que estive com Amílcar foi um mês antes de ele ser assassinado. Foi em Argel, na esplanada do Hotel Alleti. Falámos da luta armada na Guiné. Estava otimista. Explicou-me como é que ia ocupar a Guiné, por terra, mar e ar. Por terra tinha um exército, pelo ar tinha os mísseis terra-ar e por mar tinha uma marinha. Tinha um barcozito com o comandante Inocêncio, com a bandeira da Guiné-Conakry. O barco do PAIGC chegou a fazer uma viagem até Argel. Amílcar estava bem disposto, animado, confiante. Amílcar acreditava no Homem. Ele sabia que estavam a preparar um golpe mas acreditou sempre que era capaz de recuperar os homens, os opositores que ele tinha no PAIGC, mas eles não se deixaram recuperar. Ele sabia que havia um complot contra ele, discutiu isso várias vezes com o Mário de Andrade.

O Amílcar não publicava nada sem consultar o Mário de Andrade, o texto já elaborado ou as ideias gerais. Discutiam sempre que Amílcar vinha à Argélia. Participei nalgumas dessas discussões. Ele tinha uma relação muito íntima com o Mário de Andrade. Fez tudo para apaziguar a tensão que existia entre o Mário de Andrade e o Agostinho Neto mas não conseguiu.

Referências bibliográficas

- AAVV. (1967) *La lutte de libération nationale dans les colonies portugaises: La Conférence de Dar Es-Salaam* [1965]. Alger: CONCP.
- AAVV (1996) [1948-1964]. *Mensagem: Casa dos Estudantes do Império*. 2 vols. Linda-a-Velha:ALAC.
- Davidson, B. (1989) *The Fortunate Isles: A Study in African Transformation*. London: Hutchinson.
- Duffy, J. (1967) *A Question of Slavery: Labour Policies in Portuguese Africa and the British Protest, 1850-1920*. Oxford: The Clarendon Press.
- Henriques, I. C. (2000) *São Tomé e Príncipe: A invenção de uma sociedade*. Lisboa: Vega.
- Higgs, C. (2012) *Chocolate islands: cocoa, slavery, and colonial Africa*. Athens: Ohio University Press.
- Hodges, T.; Newitt, M. (1988) *São Tomé and Príncipe: From Plantation Colony to Microstate*. Boulder: Westview Press.
- Laban, M. (2002) *São Tomé e Príncipe: Encontro com escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- Mata, I. (2010) *Polifonias insulares: Cultura e literatura de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Colibri.
- Medeiros, T. (2014) *A verdadeira morte de Amílcar Cabral*. 2ª ed. rev.. Lisboa: Althum.
- Nascimento, A. (2003) *O Sul da Diáspora: Cabo-Verdianos em plantações de S. Tomé e Príncipe e Moçambique*. Praia: Presidência da República de Cabo Verde.
- Sousa, J. S. (2016) *Amílcar Cabral (1924-1973): Vida e morte de um revolucionário africano*. Coimbra: do autor.